



DOI: <https://doi.org/10.58871/conimaps2025.c81>

**AÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SEXUAL NA UNIDADE DE SAÚDE DA  
FAMÍLIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**SEXUAL HEALTH EDUCATION ACTION IN THE FAMILY HEALTH UNIT:  
EXPERIENCE REPORT**

**NAYANNE VIEIRA LIMA**

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

**SABRINA DE ALENCAR RIBEIRO**

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

**ANA JÚLIA MÁXIMO MENDES**

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

**LETÍCIA MIRELLY FAGUNDES XAVIER**

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

**MARIA FERNANDA DE OLIVEIRA ALVES**

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

**THAYNÁ MILENA DOS SANTOS**

Graduanda em enfermagem pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

**SAMYRA PAULA LUSTOZA XAVIER**

Doutora. Docente da Universidade Regional do Cariri (URCA)

**KARINE NASCIMENTO DA SILVA**

Enfermeira. Docente da Universidade Regional do Cariri (URCA)

**SABRINA FREITAS NUNES**

Mestre. Docente da Universidade Regional do Cariri (URCA)

**RESUMO**

**Objetivo:** relatar a experiência de uma ação de educação em saúde sobre saúde sexual, com ênfase na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), desenvolvida em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Iguatu, Ceará. **Metodologia:** Estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado por discentes e docentes da Universidade Regional do Cariri (URCA) durante a disciplina de Estágio Supervisionado I, ao longo de 14 semanas. A intervenção consistiu em uma roda de conversa, apoiada por apresentação em slides ilustrativos e pela dinâmica “Mitos e Verdades”, contando com a participação estimada de 20 usuários da unidade. **Resultados e discussão:** apontaram receptividade, interesse e participação ativa do público, que manifestou dúvidas sobre métodos contraceptivos, formas de transmissão de ISTs e uso de preservativos, além de relatos pessoais. Houve reflexos práticos após a ação,



como maior procura por preservativos, retorno de usuários para esclarecimento de dúvidas e busca espontânea por atendimento após a identificação de sinais sugestivos de infecção. A dinâmica mostrou-se essencial para desconstrução de mitos, promovendo engajamento, aprendizado ativo e ambiente de escuta qualificada. **Considerações finais:** conclui-se que a ação educativa se mostrou eficaz na promoção da saúde sexual, prevenção das ISTs e fortalecimento da autonomia e do autocuidado dos usuários, consolidando a UBS como espaço de acolhimento e diálogo. Reforça-se, ainda, a relevância da incorporação contínua de práticas educativas no cotidiano da atenção primária para a construção de um cuidado integral e humanizado.

**Palavras-chave:** saúde sexual; educação em saúde; atenção primária à saúde.

### ABSTRACT

**Objective:** To report the experience of a health education initiative on sexual health, with an emphasis on the prevention of Sexually Transmitted Infections (STIs), developed at a Basic Health Unit (UBS) in the municipality of Iguatu, Ceará. **Methodology:** This descriptive, experience-report study was conducted by students and faculty from the Regional University of Cariri (URCA) during the Supervised Internship I course, lasting 14 weeks. The intervention consisted of a discussion group, supported by an illustrative slide presentation and the "Myths and Truths" dynamic, with the estimated participation of 20 users of the unit. **Results and discussion:** Indicated receptiveness, interest, and active participation of the public, who expressed questions about contraceptive methods, STI transmission, and condom use, as well as personal accounts. There were practical repercussions after the initiative, such as increased demand for condoms, return visits for clarification, and spontaneous seeking of care after identifying signs suggestive of infection. The dynamic proved essential for debunking myths, fostering engagement, active learning, and a qualified listening environment. **Final considerations:** The educational initiative proved effective in promoting sexual health, preventing STIs, and strengthening users' autonomy and self-care, solidifying the UBS as a space for welcoming and dialogue. The ongoing incorporation of educational practices into daily primary care is also emphasized to build comprehensive and humanized care.

**Keywords:** sexual health; health education; primary health care.

## 1 INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) é definida como o ponto de primeiro contato, acessível, contínuo, abrangente e coordenador do cuidado em saúde, centrado na pessoa e não em uma doença específica. Seu objetivo é otimizar a saúde da população, reduzir disparidades e promover o acesso equitativo aos serviços de saúde. Nesse sentido, as funções centrais da APS incluem: acessibilidade como porta de entrada ao sistema, continuidade do cuidado ao longo do tempo, abrangência na oferta de serviços preventivos, diagnósticos, terapêuticos, reabilitadores e paliativos, coordenação do cuidado entre diferentes níveis do sistema de saúde e centralidade na pessoa, respeitando sua autonomia e contexto familiar e comunitário (Sterling *et al.*, 2024).



Nesse contexto, a saúde sexual surge como uma dimensão fundamental da atenção integral à saúde. Ela é composta por diferentes aspectos que se inter-relacionam, incluindo fatores biológicos, como a função sexual e a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs); fatores psicológicos, como autoestima, imagem corporal e satisfação sexual; além de aspectos sociais e contextuais, como os relacionamentos interpessoais, as normas culturais, o acesso à informação, os direitos sexuais e a proteção contra a violência e discriminação (Houtrow & Roland, 2020; Houtrow *et al.*, 2021).

Para que a sexualidade se desenvolva de forma saudável, é essencial a disponibilização de informações baseadas em evidências, bem como a construção de atitudes e valores positivos em relação à orientação sexual, identidade de gênero e vínculos interpessoais, além do desenvolvimento de habilidades para expressar desejos e estabelecer limites (Fortenberry, 2013; Hensel e Fortenberry, 2013).

Ademais, reconhece-se que a saúde sexual é um componente central da qualidade de vida e do bem-estar geral, sendo importante para todas as pessoas, em qualquer fase da vida, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero, condição de saúde ou presença de deficiências. Assim, a promoção da saúde sexual não se limita à prevenção de eventos adversos, IST, gravidez indesejada e violência sexual, mas também abrange a valorização de aspectos positivos, como o prazer, a autonomia e o respeito às individualidades (Fortenberry, 2013; Ford *et al.*, 2017; Cherven *et al.*, 2024).

Por conseguinte, as ISTs merecem destaque, pois sua disseminação, controle e estratégias de cuidado, perpassam dinâmicas culturais, sociais, religiosas, identitárias, históricas e a qualidade do serviço de saúde, que determinam a possibilidade de promoção de práticas sexuais seguras e livres. Provocadas por diversos agentes etiológicos como bactérias, vírus e parasitas, e se disseminam, majoritariamente, por meio do contato sexual entre mucosas. Entre as infecções mais comuns estão o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o vírus do herpes simples, o Papilomavírus Humano (HPV), o vírus da hepatite B, além de bactérias como *Chlamydia trachomatis*, *Neisseria gonorrhoeae* e *Treponema pallidum* (Krist *et al.*, 2020; Workowski *et al.*, 2021; Tuddenham *et al.*, 2022).

Dessa forma, a alta incidência global de ISTs, com milhões de novos casos anualmente, reforça a necessidade de ações eficazes voltadas à prevenção, ao diagnóstico precoce e ao tratamento adequado dessas infecções. Segundo a Organização Mundial da Saúde, ocorrem mais de 1 milhão de novos casos de ISTs curáveis por dia em adultos de 15 a 49 anos, totalizando cerca de 374 milhões por ano (Newman *et al.*, 2015).



No Brasil, estima-se que aproximadamente 830 mil pessoas vivem com HIV, representando 45% dos casos da América Latina. No estado do Ceará, por sua vez, entre 2019 e 2023, foram notificados 5.827 casos de sífilis congênita, com 217 mortes fetais ou neonatais. Esses dados evidenciam a gravidade do cenário e reforçam a importância de medidas de enfrentamento que considerem as especificidades locais e as populações mais vulneráveis (Machado *et al.*, 2024).

Diante desse cenário, destaca-se a relevância da assistência de enfermagem no âmbito da APS, tanto no cuidado individual quanto nas ações voltadas à coletividade. Os profissionais de enfermagem exercem papel fundamental na promoção da saúde sexual e reprodutiva, por meio de atividades educativas, escuta qualificada e acompanhamento contínuo. Nesse contexto, a educação em saúde torna-se uma ferramenta importante para orientar a população, com isso, tais ações fortalecem a autonomia, estimula o autocuidado e favorecem a adoção de comportamentos saudáveis, contribuindo diretamente para a redução de agravos e melhoria da qualidade de vida (Cecilio *et al.*, 2012).

Nesse sentido, a educação em saúde é um processo que visa à construção coletiva do conhecimento, promovendo a autonomia e o autocuidado. Pode ocorrer por meio de diferentes estratégias, como rodas de conversa, oficinas e visitas domiciliares. Entre as abordagens existentes, destaca-se a educação popular, que valoriza o diálogo, a escuta e a participação ativa da comunidade. Quando participativa, essa prática fortalece os vínculos, amplia o engajamento e contribui para mudanças reais no cuidado, ao contrário de métodos unilaterais e impositivos (Vasconcelos; Cruz; Machado, 2021).

Portanto, considerando os altos índices de vulnerabilidade em relação às ISTs, gravidez precoce e desinformação sobre saúde sexual, este estudo torna-se relevante ao propor estratégias educativas voltadas para a prevenção e o cuidado integral. A partir de ações desenvolvidas na APS, especialmente com o envolvimento ativo da equipe de enfermagem, é possível promover o acesso à informação e orientar o público para que façam escolhas mais conscientes e seguras. Desse modo, o estudo contribui não apenas para a formação de uma população mais informada e responsável, mas também para o fortalecimento das políticas públicas de saúde, ao promover um cuidado preventivo e humanizado que atenda às reais necessidades desse público.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma ação de educação em saúde sobre saúde sexual em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), com foco na promoção e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).



## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência de uma ação educativa desenvolvida por discentes e docentes da Universidade Regional do Cariri (URCA) durante a disciplina de Estágio Supervisionado I em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Iguatu, Ceará, com duração de 14 semanas. A atividade de educação em saúde teve como foco a promoção da saúde sexual, enfatizando o autocuidado e a prevenção das ISTs.

A proposta surgiu a partir de observações advindas das consultas de enfermagem, atendimento ambulatorial e no acompanhamento das atividades de supervisão, com a presença recorrente de adolescentes grávidas, bem como uma baixa procura por testagens rápidas e preservativos entre os usuários da unidade. Ademais, verificou-se uma participação reduzida dos homens nos serviços oferecidos, fato que pode estar relacionado a fatores socioculturais, tais como a construção da masculinidade hegemônica e o receio de estigmatização. Tais evidências ressaltam a necessidade de implementação de estratégias educativas direcionadas ao acesso à informação e à sensibilização dos usuários.

Considerando esse cenário, optou-se por não restringir a atividade a um público específico, visando promover um espaço inclusivo que favorecesse a participação de diferentes perfis e incentivar o autocuidado e a corresponsabilidade na promoção da saúde.

A intervenção foi voltada ao público geral que frequenta a unidade, abrangendo adolescentes, adultos e idosos, totalizando a participação estimada de 20 pessoas. A escolha da sala de espera como local de realização teve como objetivo aproveitar o tempo de permanência dos usuários no ambiente para promover um momento de educação em saúde de forma acessível e participativa.

Com o intuito de ampliar a adesão à atividade, foi feito um convite prévio pelas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), tanto durante as visitas domiciliares quanto na unidade. Paralelamente, foram fixados cartazes em locais estratégicos da UBS, elaborados de forma atrativa, a fim de chamar a atenção dos usuários e incentivá-los a participar da ação.

O planejamento ocorreu entre os meses de maio e junho de 2025, com a definição das estratégias metodológicas, organização dos recursos e estruturação da intervenção. A metodologia empregada incluiu uma roda de conversa com os participantes, apoiada por uma apresentação em slides ilustrativos. Também foi aplicada uma dinâmica interativa intitulada “Mitos e Verdades”, com o objetivo de desconstruir concepções equivocadas sobre a temática e estimular o envolvimento do público.



A execução da ação, com duração aproximada de uma hora, seguiu a seguinte ordem: acolhimento dos participantes, introdução à temática, roda de conversa com abordagem dos principais tópicos relacionados às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como sífilis, HIV, gonorreia, herpes genital, tricomoníase, hepatites B e C, além de alterações como candidíase, vaginose bacteriana e tricomoníase. Na sequência, realizou-se a dinâmica de “Mitos e Verdades” e, ao final, foi oferecido um coffee break como forma de encerramento e acolhimento final do grupo.

Os recursos utilizados para a execução da ação incluíram placas com frases para a dinâmica, equipamentos de mídia para projeção de conteúdo visual e distribuição de preservativos. A implementação ocorreu em junho de 2025, e contou com a participação ativa dos usuários presentes, que demonstraram interesse, tiraram dúvidas e interagiram com os facilitadores da atividade.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A realização da ação educativa sobre saúde sexual em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) resultou em avanços expressivos na sensibilização da população atendida, especialmente sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o autocuidado e a promoção da responsabilidade sexual.

Desde o início da atividade, os usuários demonstraram receptividade, curiosidade e interesse. Muitos se aproximaram espontaneamente ao perceber que o tema seria saúde sexual, mostrando que a abordagem despertou atenção desde o primeiro contato. Quando as falas foram iniciadas, houve silêncio respeitoso, mas também olhares atentos, sinalizando que o público estava predisposto a ouvir.

Logo nas primeiras colocações, surgiram dúvidas pontuais sobre sinais e sintomas de ISTs, métodos contraceptivos e formas corretas de uso do preservativo. Em geral, as perguntas giraram em torno de mitos sobre transmissão de HIV, eficácia de métodos de barreira e esclarecimentos sobre exames disponíveis na unidade. A participação foi efetiva e diversos usuários fizeram perguntas, interromperam para confirmar informações e compartilharam vivências pessoais, principalmente relacionadas a experiências de preconceito ou desinformação.

A dinâmica foi um divisor de águas na interação. Houve momentos de risos, surpresa e discussão, principalmente quando mitos muito enraizados foram desconstruídos, como “não se pega IST com sexo oral” ou “pílula anticoncepcional protege contra IST”. Cerca de 60% dos participantes acertaram a maioria das afirmações, mas as dúvidas e erros mais frequentes



envolveram formas de transmissão e sinais iniciais das ISTs, evidenciando que, de modo geral, o público estava mais “por fora” do tema, o que reforçou a importância da intervenção. A atenção durante a roda de conversa, somada às perguntas e ao retorno espontâneo após a atividade, indicou que os usuários assimilaram as informações. A procura por mais preservativos depois do encerramento, inclusive por parte de pessoas que inicialmente se mostraram tímidas, foi um forte indicativo de que houve sensibilização para a importância do autocuidado e que a mensagem sobre práticas seguras chegou de forma clara.

A distribuição de preservativos e a instalação de uma caixa de fácil acesso na recepção mostraram resultados práticos: usuários retornaram em outro momento apenas para pegar mais preservativos ou conversar sobre dúvidas que surgiram depois, demonstrando que a ação ultrapassou a atividade pontual e gerou reflexo no comportamento diário. Um episódio emblemático foi o relato de uma usuária que, ao reconhecer semelhança entre uma imagem apresentada e uma lesão em seu próprio corpo, buscou imediatamente atendimento de enfermagem, fato que demonstra a efetividade da educação em saúde na identificação precoce e no encaminhamento oportuno.

A abordagem participativa contribuiu para criar um ambiente acolhedor, de escuta ativa, onde usuários relataram se sentir confortáveis para compartilhar experiências íntimas. Esse vínculo fortaleceu a relação entre estudantes, profissionais de saúde e comunidade, reforçando a UBS como espaço seguro para diálogo sobre saúde sexual, conforme destacam Pereira et al. (2020) e Melo et al. (2022), que evidenciam que metodologias interativas favorecem não apenas a compreensão, mas também o vínculo e a humanização do cuidado.

Além disso, os resultados obtidos corroboram com outros estudos que evidenciam que práticas educativas voltadas à saúde sexual e reprodutiva na Atenção Primária possibilitam maior conscientização sobre a prevenção das ISTs, favorecendo o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico entre os participantes (Martins, 2023).

No que se refere à prevenção das ISTs, a literatura aponta que a educação em saúde, especialmente no contexto da atenção básica, configura-se como estratégia indispensável para a redução da transmissão de infecções. Tal perspectiva reforça a importância de atividades como a realizada, uma vez que o conhecimento disseminado não apenas auxilia na proteção individual, mas também se estende à coletividade, prevenindo agravos futuros (Ricci *et al.*, 2019).

De modo semelhante, estudos destacam que a utilização de dinâmicas interativas em ações educativas contribui para maior envolvimento da população, promovendo um processo de aprendizagem ativo e participativo. Esse aspecto ficou evidente na experiência da UBS,



especialmente pela curiosidade despertada, pelas perguntas frequentes e pelo impacto prático observado após a atividade, como a maior procura por preservativos e a busca espontânea por atendimento diante da identificação de sinais suspeitos de ISTs (Farias *et al.*, 2023).

Assim, a ação educativa mostrou-se eficaz não apenas como estratégia de transmissão de conhecimento, mas também como ferramenta de sensibilização e transformação social. O vínculo criado entre profissionais, estudantes e usuários reforça a UBS como espaço de referência em saúde sexual, cumprindo sua função enquanto porta de entrada para o cuidado integral e humanizado (Martins, 2023; Farias *et al.*, 2023).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento desta ação educativa evidenciou a relevância da educação em saúde sexual como instrumento de empoderamento, prevenção e fortalecimento do autocuidado, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Os resultados alcançados demonstraram impacto positivo na conscientização dos usuários, reforçando o papel da Atenção Primária na promoção da saúde integral.

Entre as limitações encontradas, destacam-se o tempo restrito para aprofundamento dos temas abordados e a ausência de instrumentos quantitativos que permitissem uma avaliação mais precisa dos resultados. Para ações futuras, recomenda-se a incorporação contínua dessas atividades na rotina da UBS, com apoio da equipe e da gestão, além do uso de materiais educativos permanentes e parcerias com a comunidade.

Dessa forma, reafirma-se que a educação em saúde se configura como uma prática fundamental na desconstrução de tabus, preconceitos e desinformações, além de se consolidar como uma estratégia potente para a construção de uma assistência mais humanizada, crítica e voltada para a promoção da saúde integral.

#### **REFERÊNCIAS**

CECILIO, L.C.O. et al. A Atenção Básica à Saúde e a construção das redes temáticas de saúde: qual pode ser o seu papel? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 2893-2902, 2012.

CHERVEN, B.O.; DEMEDIS, J.; FREDERICK, N. N. Saúde sexual em adolescentes e jovens adultos com câncer. **Journal of Clinical Oncology**, v. 42, n. 6, p. 717-724, 2024.

FARIAS, Alessandra Nunes et al. Estratégia de educação em saúde na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis: relato de experiência. **Anais da Faculdade de Medicina de Olinda**, v. 1, n. 9, p. 87-92, 2023.



- FORD, J.V. et al. A necessidade de promover a saúde sexual nos Estados Unidos: uma nova visão para a ação em saúde pública. **Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 44, n. 10, p. 579-585, 2017.
- FORTENBERRY, J.D. O paradigma da saúde sexual em evolução: transformando definições em práticas de saúde sexual. *Aids*, v. 27, p. S127-S133, 2013.
- HENSEL, D.J.; FORTENBERRY, J. Dennis. Um modelo multidimensional de saúde sexual e comportamento sexual e preventivo entre mulheres adolescentes. **Journal of Adolescent Health**, v. 52, n. 2, p. 219-227, 2013.
- HOUTROW, A. et al. Promovendo uma sexualidade saudável para crianças e adolescentes com deficiência. **Pediatrics**, v. 148, n. 1, 2021.
- HOUTROW, A.; ROLAND, M. Diretrizes de saúde e educação sexual para o cuidado de pessoas com espinha bífida. **Journal of Pediatric Rehabilitation Medicine**, v. 13, n. 4, p. 611-619, 2020.
- KRIST, A.H. et al. Intervenções de aconselhamento comportamental para prevenir infecções sexualmente transmissíveis: declaração de recomendação da Força-Tarefa de Serviços Preventivos dos EUA. *JAMA*, v. 324, n. 7, p. 674–681, 2020.
- MACHADO, Yvinna Marina Santos et al. Cenário epidemiológico da sífilis congênita e suas medidas de mitigação. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 18, n. 1, 2024.
- MELO, R.S.; et al. Metodologias ativas e a promoção da saúde na atenção básica. **Revista Contexto & Saúde**, v. 22, n. 45, p. 65-72, 2022.
- NEWMAN L. et al. Global Estimates of the Prevalence and Incidence of Four Curable Sexually Transmitted Infections in 2012 Based on Systematic Review and Global Reporting. **PLoS One**, v. 10, n. 12, e0143304, 2015.
- NOGUEIRA, Maria José et al. Escolas e unidades básicas de saúde: diálogos possíveis e necessários para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Saúde em debate**, v. 36, p. 117-124, 2023.
- PEREIRA, C.C.A.; et al. Dinâmicas educativas como ferramentas de promoção da saúde: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE**, v. 14, n. 1, p. 1-9, 2020.
- RICCI, Ana Patrícia et al. Infecções sexualmente transmissíveis na gestação: educação em saúde como estratégia de prevenção na atenção básica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 1, p. 565-570, 2019.
- TUDDENHAM, S.; HAMILL, M.M.; GHANEM, Khalil G. Diagnóstico e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis: uma revisão. *JAMA*, v. 327, n. 2, p. 161–172, 2022.
- VASCONCELOS, E.M.; CRUZ, P.J.S.; MACHADO, M.F.A.S. Educação popular em saúde: entre saberes e práticas emancipatórias. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, p. 2735–2744, jul. 2021.



IV EDIÇÃO  
**CONIMAPS**

WORKOWSKI, K.A. et al. Diretrizes para tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, 2021. MMWR. **Recommendations and Reports**, v. 70, n. 4, p. 1–187, 2021.